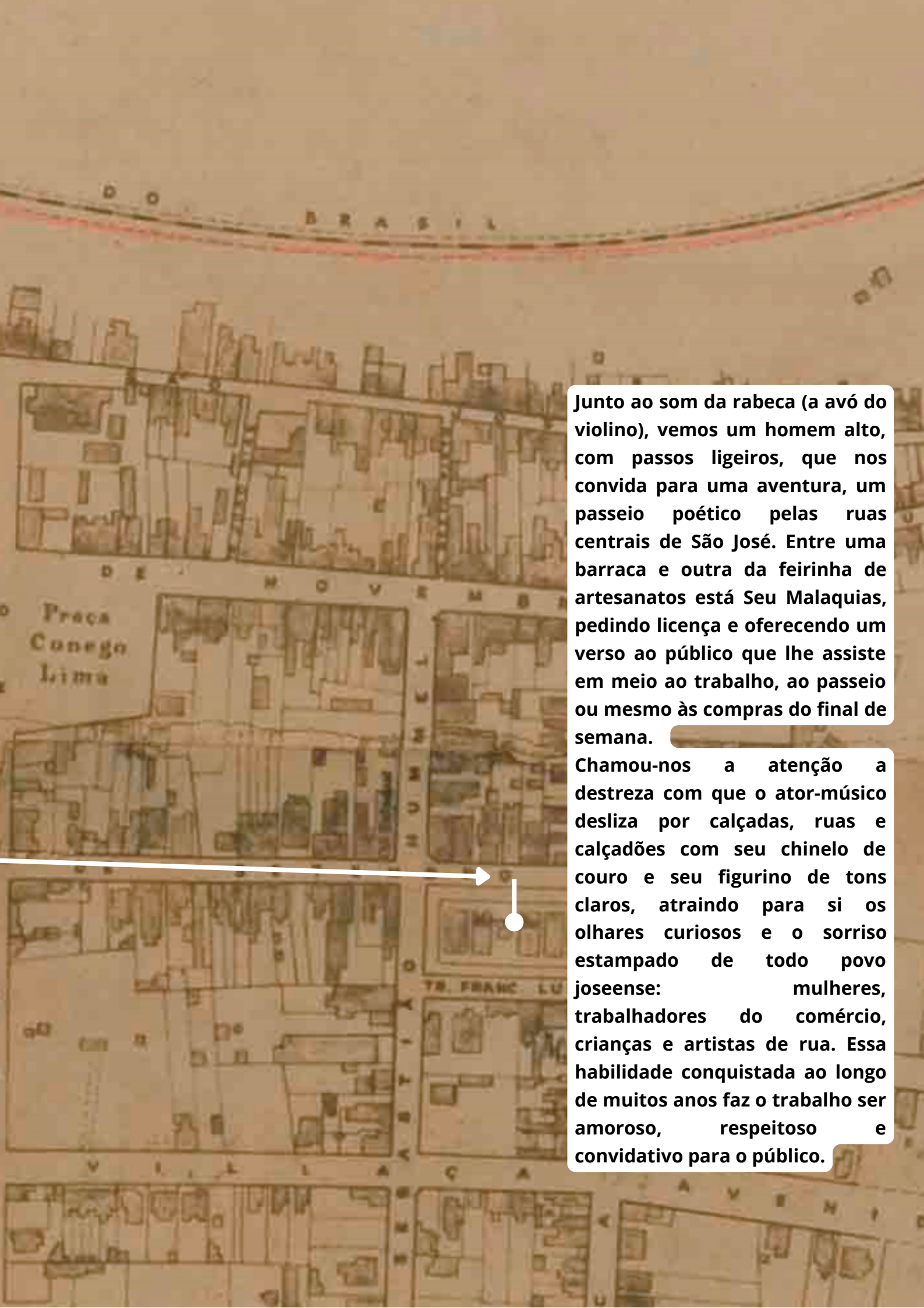
Mapa de São José dos Campos (1939)

SEU MALAQUIAS E SUA VERSARIA

O teatro popular sempre encontrou, na arena pública, o espaço ideal para seu festivo acontecimento. Se pensarmos na ideia de teatro primitivo – no sentido daquilo que vem primeiro –, é inevitável imaginarmos um chão de terra batida como o lugar de nascimento do teatro. Ali, assim mesmo, homens, mulheres e crianças reunidos em torno de um (ou uma) que se destacava do grupo para re-apresentar aspectos da vida cotidiana, não obstante, carregada de simbologias, tendo o sol ou a lua como suas testemunhas oculares. Milhares de anos depois, o espaço privado foi a estratégica que a – agora – burguesia encontrou para privatizar tanto a discussão como, também, o divertimento.

Na manhã do dia 10 de setembro de 2022, assistimos ao Seu Malaquias e sua versaria – uma intervenção performática com solo do ator e rabequeiro Ari Pereira. Durante toda a apresentação, transitamos pelas ruas acompanhando o ator-personagem em sua abordagem às pessoas: retirava de seu bornal um verso impresso e entregava-o aos transeuntes depois de declamá-lo.

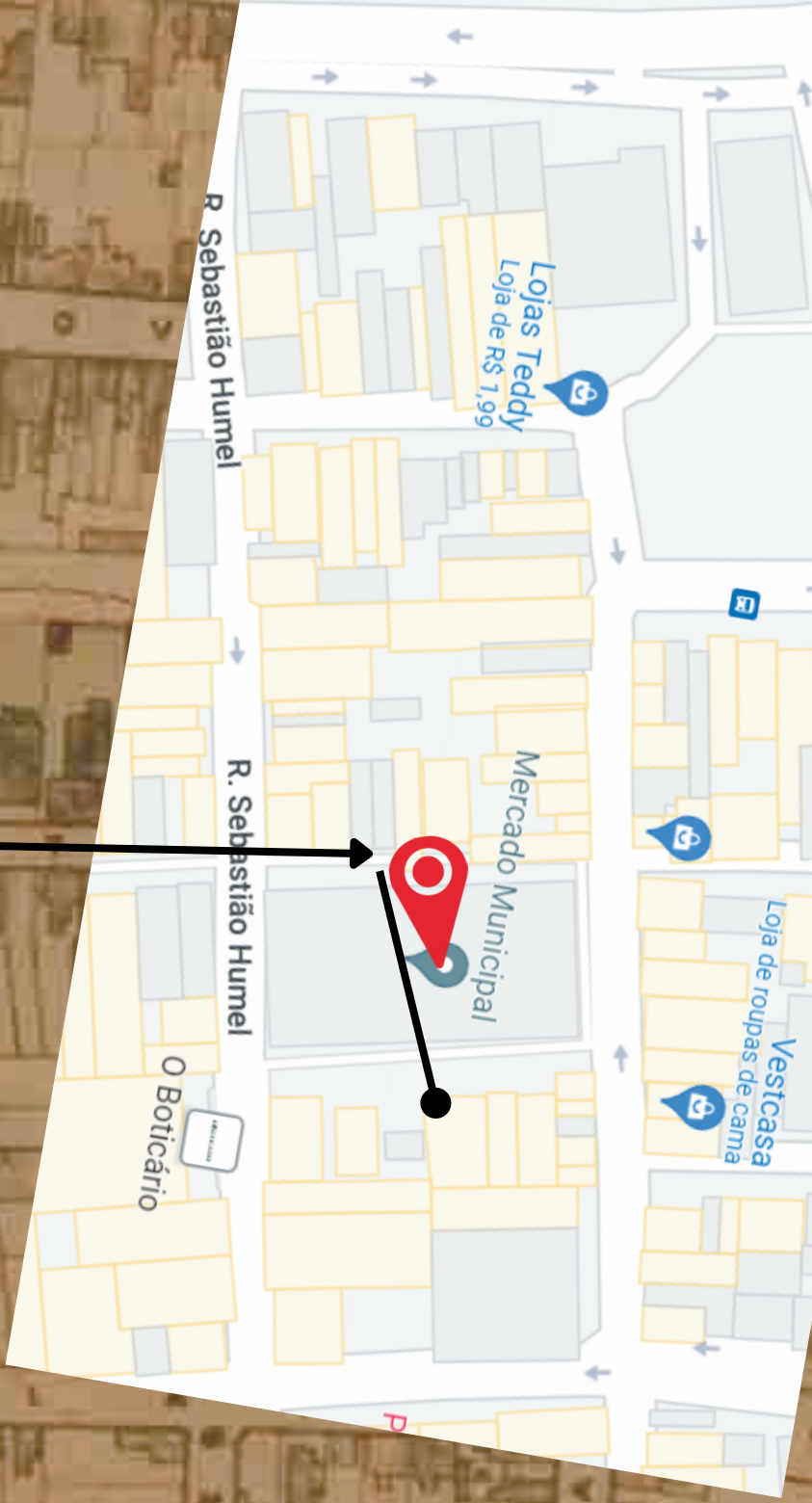
A praça foi o local escolhido para iniciarmos nossa andança pelo centro de São José dos Campos, atrás de Seu Malaquias, sua rabeca e seus versos impressos. O centro de qualquer cidade centenária sempre revela seu passado: nele encontramos aspectos do Brasil Colônia, Império e República. Através dos nomes das ruas prestam-se homenagens a santos, personagens da monarquia e sujeitos da República. O nome da praça que homenageia um desses personagens republicanos é Afonso Pena, ponto inicial do nosso encontro. À nossa frente víamos uma construção dos tempos coloniais, a Igreja de São Benedito, santo padroeiro da gente preta e pobre. Curiosamente, a primeira rua que adentramos nessa travessia homenageia um sujeito que viveu durante a transição da Monarquia à República, um tal de Rubião Junior. É ali, na praça central, onde outrora existia um teatro de arena, que somos chamados à caminhada cênica que duraria cerca de quarenta minutos até o seu ponto final, o Museu de Arte Sacra, ao lado do Mercadão.



Junto ao som da rabeca (a avó do violino), vemos um homem alto, com passos ligeiros, que nos convida para uma aventura, um passeio poético pelas ruas centrais de São José. Entre uma barraca e outra da feirinha de artesanatos está Seu Malaquias, pedindo licença e oferecendo um verso ao público que lhe assiste em meio ao trabalho, ao passeio ou mesmo às compras do final de semana.

Chamou-nos a atenção a destreza com que o ator-músico desliza por calçadas, ruas e calçadões com seu chinelo de couro e seu figurino de tons claros, atraindo para si os olhares curiosos e o sorriso estampado de todo povo joseense: mulheres, trabalhadores do comércio, crianças e artistas de rua. Essa habilidade conquistada ao longo de muitos anos faz o trabalho ser amoroso, respeitoso e convidativo para o público.

Em cada ponto/parada/estação sempre há um expediente com o qual as artes da rua se identificam: o inesperado. Por mais maturação que tenha o trabalho e o artista, ainda nos surpreendemos com as respostas vindas do público. Em um determinado momento, vimos uma imagem bastante peculiar: de um lado do calçadão, Seu Malaquias abordava uma mulher com uma criança rindo juntas dos versos declamados e de toda destreza do artista. Do outro lado da calçada, um pastor evangélico pregava e empunhava suas mãos sobre a cabeça de uma fiel aos prantos. O espaço público de hoje repete a história dos tempos medievais quando a fé e a arte "disputavam" o mesmo espaço: a rua, a feira. A única diferença era que a arte sempre foi alvo de perseguição por parte da religião.



Foi assim que, passando por dezenas de pessoas, encontramos sorrisos, olhares desconfiados, desejos reprimidos, curiosidades e muita empatia. As fendas abertas pelo caminhar do nosso anfitrião-guia nos trouxeram mais pertencimento (e ocupação) à terra e ao espaço público.

A arte de Seu Malaquias é milenar e precisa, cada vez mais, estar em nossas rotinas exaustivas, contudo, desejosas de espaços de arte, beleza e divertimento.

Tanto o ator quanto o trabalho merecem novos desafios, projetos e, consequentemente, novas andanças, afinal, todo peregrino, andarilho, andante, brincante sabe que se chega cada vez mais próximo da utopia na medida em que novos caminhos despontem no horizonte.

Vida longa ao Seu Malaquias e sua prosa ligeira.

SEU MALAQUIAS E SUA VERSARIA

Por Felipe de Menezes[1]

O teatro popular sempre encontrou, na arena pública, o espaço ideal para seu festivo acontecimento. Se pensarmos na ideia de teatro primitivo – no sentido daquilo que vem primeiro –, é inevitável imaginarmos um chão de terra batida como o lugar de nascimento do teatro. Ali, assim mesmo, homens, mulheres e crianças reunidos em torno de um (ou uma) que se destacava do grupo para re-apresentar aspectos da vida cotidiana, não obstante, carregada de simbologias, tendo o sol ou a lua como suas testemunhas oculares. Milhares de anos depois, o espaço privado foi a estratégica que a – agora – burguesia encontrou para privatizar tanto a discussão como, também, o divertimento.

Na manhã do dia 10 de setembro de 2022, assistimos ao *Seu Malaquias e sua versaria* – uma intervenção performática com solo do ator e rabequeiro Ari Pereira. Durante toda a apresentação, transitamos pelas ruas acompanhando o ator-personagem em sua abordagem às pessoas: retirava de seu bornal um verso impresso e entregava-o aos transeuntes depois de declamá-lo.

A praça foi o local escolhido para iniciarmos nossa andança pelo centro de São José dos Campos, atrás de Seu Malaquias, sua rabeca e seus versos impressos. O centro de qualquer cidade centenária sempre revela seu passado: nele encontramos aspectos do Brasil Colônia, Império e República. Através dos nomes das ruas prestam-se homenagens a santos, personagens da monarquia e sujeitos da República. O nome da praça que homenageia um desses personagens republicanos

---

[1] *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

é Afonso Pena, ponto inicial do nosso encontro. À nossa frente víamos uma construção dos tempos coloniais, a Igreja de São Benedito, santo padroeiro da gente preta e pobre. Curiosamente, a primeira rua que adentramos nessa travessia homenageia um sujeito que viveu durante a transição da Monarquia à República, um tal de Rubião Junior. É ali, na praça central, onde outrora existia um teatro de arena, que somos chamados à caminhada cênica que duraria cerca de quarenta minutos até o seu ponto final, o Museu de Arte Sacra, ao lado do Mercadão.

Junto ao som da rabeca (a avó do violino), vemos um homem alto, com passos ligeiros, que nos convida para uma aventura, um passeio poético pelas ruas centrais de São José. Entre uma barraca e outra da feirinha de artesanatos está Seu Malaquias, pedindo licença e oferecendo um verso ao público que lhe assiste em meio ao trabalho, ao passeio ou mesmo às compras do final de semana.
Chamou-nos a atenção a destreza com que o ator-músico desliza por calçadas, ruas e calçadões com seu chinelo de couro e seu figurino de tons claros, atraindo para si os olhares curiosos e o sorriso estampado de todo povo joseense: mulheres, trabalhadores do comércio, crianças e artistas de rua. Essa habilidade conquistada ao longo de muitos anos faz o trabalho ser amoroso, respeitoso e convidativo para o público.

Em cada ponto/parada/estação sempre há um expediente com o qual as artes da rua se identificam: o inesperado. Por mais maturação que tenha o trabalho e o artista, ainda nos surpreendemos com as respostas vindas do público. Em um determinado momento, vimos uma imagem bastante peculiar: de um lado do calçadão, Seu Malaquias abordava uma mulher com uma criança rindo juntas dos versos declamados e de toda destreza do artista. Do outro lado da calçada, um pastor evangélico pregava e empunhava suas mãos sobre a cabeça de uma fiel aos prantos. O espaço público de hoje repete a história dos tempos medievais quando a fé e a arte “disputavam” o mesmo espaço: a rua, a feira. A única diferença era que a arte sempre foi alvo de perseguição por parte da religião.

Foi assim que, passando por dezenas de pessoas, encontramos sorrisos, olhares desconfiados, desejos reprimidos, curiosidades e muita empatia. As fendas abertas pelo caminhar do nosso anfitrião-guia nos trouxeram mais pertencimento (e ocupação) à terra e ao espaço público.

A arte de Seu Malaquias é milenar e precisa, cada vez mais, estar em nossas rotinas exaustivas, contudo, desejosas de espaços de arte, beleza e divertimento.

Tanto o ator quanto o trabalho merecem novos desafios, projetos e, consequentemente, novas andanças, afinal, todo peregrino, andarilho, andante, brincante sabe que se chega cada vez mais próximo da utopia na medida em que novos caminhos despontem no horizonte.

Vida longa ao Seu Malaquias e sua prosa ligeira.